

PERDA DE PRAZO MUITOS SÃO LIBERADOS PORQUE O PROCESSO QUE AVALIA O CRIME COMETIDO PELO INFRATOR NÃO É CONCLUÍDO ANTES DO PRAZO MÁXIMO

Mais de 40% dos menores detidos na Unip voltam ao crime

Há casos de adolescentes que ficam apenas uma semana em liberdade

MAURÍLIO MENDONÇA

Mais de 40% dos adolescentes detidos pela Delegacia Especial de Adolescentes em Conflito com a Lei (Deacl) e encaminhados à Unidade de Internação Provisória (Unip) são reincidentes. Ou seja, voltam a cometer crimes após serem liberados da unidade.

“Em 2005, teve um adolescente que foi encaminhado

seis vezes para a Unip. Em todas as vezes, ele ficou os 45 dias internado, como defende o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente)”, disse Gilson Lopes, delegado titular da Deacl. Ele contou, ainda, casos de adolescentes que chegam a ficar uma semana em liberdade e são presos novamente, em flagrante, por cometerem outro crime.

Segundo o delegado, esses adolescentes saem da Unip

porque o processo que avalia o crime cometido pelo infrator não é concluído antes do prazo máximo. “Ele é encaminhado para a família e depois intimado a comparecer para depor, mas não vai. Dessa forma, sua prisão é decretada por um mandado de busca e apreensão. Ele é preso de novo e encaminhado direto para a unidade. Isso quando não é pego cometendo nova infração”, explica.

Caso. Na última quarta-feira, um ex-interno da Unis, Douglas Braga Alvarenga, 19 anos, foi preso como um dos suspeitos de ter participado do

assassinato da estudante de Direito Lilian Pereira de Souza, 37 anos.

Há três anos, ainda menor de idade, ele matou um empresário no estacionamento do Banco Bradesco, em Carapina, na Serra. Ele também é acusado de participar de um assalto no município da Serra, além de integrar uma quadrilha de roubo de veículos.

Situação. Desde o início deste ano até 17 de março, 341 adolescentes foram encaminhados à Unip, cerca de 5 prisões por dia. Segundo informações da assessoria de imprensa do Instituto de Aten-

dimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), esse número só vem aumentando, de mês para mês.

Atualmente, a Unidade de Internação Socioeducativa (Unis), em Cariacica, está superlotada. São 52 adolescente a mais do que os 143 que a unidade comporta.

Em agosto deste ano, está previsto o lançamento de mais uma unidade para atender aos adolescentes. Ela vai ficar em Tucum, Cariacica, e atenderá a 60 adolescentes sentenciados.

A superlotação foi relatada, no último dia 15, por representantes dos Conse-

lhos Regionais de Psicologia, Medicina, Serviço Social e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Eles fizeram uma inspeção na Unis e na Unip com o objetivo de avaliar a situação das unidades.

O trabalho faz parte da campanha organizada pelo Conselho Nacional de Psicologia, e as inspeções também foram feitas em outros Estados. Na Unis, foram encontradas, também, celas em péssimas condições físicas e com goteiras constantes, algumas sem iluminação, com fiação exposta e pouca ventilação.

Unis tem 62 internos maiores de 18 anos

Detenção depende da idade que interno tinha quando cometeu a infração

Entre os 133 adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa de internação na Unis, 62 já têm mais de 18 anos. Isso acontece devido à sentença que um adolescente pode receber. Ele, após o julgamento, pode ficar detido de seis me-

cativa, em Cariacica, caso o crime cometido tenha ocorrido quando ele ainda era menor de idade.

Segundo a assessoria de comunicação do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), o adolescente pode ficar nas unidades até completar 21 anos. Enquanto isso, é resguardado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e não pode ser transferido para um presídio.

Desses 62 jovens que estão na Unis, 50 têm 18 anos, cinco



Raio X das unidades de internação

341 adolescentes foram encaminhados à Unidade de Internação Provisória (Unip), de janeiro ao último dia 17



A MÉDIA É DE: **4 A 5** PRISÕES POR DIA

DESSES:



211 foram detidos por roubo



60 por tráfico de drogas



45 por porte ilegal de arma

Todos têm idade entre **12 e 18 anos**



DOIS CASOS

Ele tenta se reintegrar

GEOVANNY DE A. CETIBA
auxiliar de serviços gerais

Com dois sonhos na vida: ser advogado e gravar um CD; Geovanny, que tem 19 anos, tenta se reintegrar na sociedade. Hoje, ele estuda o primeiro ano do ensino médio e divide os estudos com o trabalho de auxiliar de serviços gerais.

“Eu pretendo estudar Direito, quero ser juiz e poder ajudar as pessoas. Caso não consiga, posso fazer Artes Plásticas.

pode ficar detido de seis meses a três anos.

Mesmo se o adolescente for detido acima de 18 anos, ele é encaminhado para a Unidade de Internação Socioedu-

na Unis, 50 têm 18 anos, cinco estão com 19 e sete já fizeram 20. Eles correspondem a 31% dos 195 adolescentes detidos na unidade e a 43% da lotação máxima da casa.

Criar novo referencial de vida é a solução

Cursos, oficinas, atividades esportivas e culturais podem ajudar a reduzir a influência do crime

Para a administração do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (Iases), na maioria dos casos, os adolescentes chegam às unidades com apenas um referencial de vida: o do crime. São adolescentes com baixa auto-estima, sem perspectivas de futuro.

A administração, por meio de sua assessoria de comunicação, afirma que, durante a internação do adolescente, ele participa de cursos profissionalizantes, oficinas, atividades esportivas e culturais. Todas com cunho educativo e com a finalidade de oferecer ao adolescente um novo referencial.

Desejo de mudança. Entretanto, o Iases acredita que é necessário o adolescente desejar a mudança e a sociedade acreditar que ela seja possível. Para isso, é necessário um esforço coletivo para resgatá-lo.

A união de instituições públicas - federal, estadual e municipal - aliadas à sociedade civil organizada e, principalmente, à família é o caminho para a reestruturação desses jovens. Uma "rede de proteção", que contribua na mudança de vida do adolescente e, também, de sua família.

ANÁLISE
Hiran Pinel

Retorno do menor à sociedade é difícil

Essa questão não é apenas social, mas econômica, política e histórica. Minha maior preocupação é com crianças e adolescentes que estão em situação de risco e que um dia possam cometer algum delito. É muito difícil pensar no retorno de um adolescente em conflito com a lei à sociedade. Eles não são reintegrados, mas, sim, jogados para a comunidade e, geralmente, saem de lá como entraram: sem estudo, sem experiência profissional e, quase sempre, sem uma base familiar. Grupos específicos que funcionem como uma rede de apoio, dentro da comunidade, para atender a esses garotos, são essenciais. Pois quando eles saem da detenção o primeiro sistema que os atende é o crime. A escola e a família são as grandes instituições que devem suprir as necessidades desses adolescentes. E, se possível, empregá-los. É difícil ajudar, mas não podemos desistir.

Hiran Pinel é professor de Psicologia da Educação no programa de Pós-graduação em Educação da Ufes



Há, hoje, **341** adolescentes internados em unidades ou centros especializados, na Grande Vitória

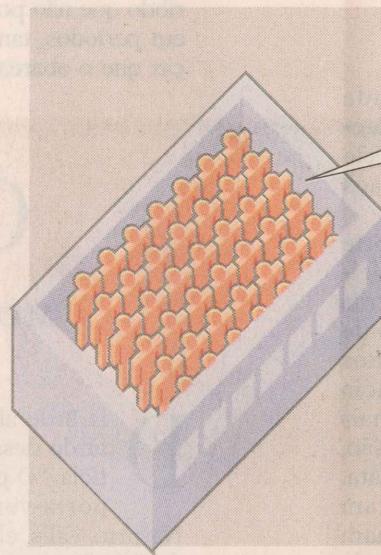
DESSES:

208 são provisórios (esperam pelo julgamento)

133 já foram julgados

Na Unip, estão internados

80 adolescentes (capacidade máxima)



Outros **97** provisórios dividem o espaço com **98** que já estão cumprindo pena na Unis, totalizando **195** adolescentes num espaço em que caberia **143**

Os **66** restantes (**31** provisórios e **35** internados) estão no Centro Integrado de Atendimento Socioeducativo (Ciases), em Maruípe, e em um prédio que serve de anexo à Unis

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

Estado não possui projeto de reintegração para os adolescentes

Na Grande Vitória, existem dois Centros de Atendimento Psicossocial (Caps) municipais

Durante a internação na Unis e Unip, os adolescentes chegam a participar de cursos e oficinas organizadas pelo Iases, em parceria com entidades públicas e privadas. Mas, quando saem, a realidade é diferente. São poucos o que contam com uma família estruturada para dar suporte ao adolescente e, em menor número ainda, os centros públicos que ajudam na recuperação.

No Espírito Santo, os traba-

lhos para reintegrar esses adolescentes com a sociedade ainda são feitos por pastores, ONGs, igrejas evangélicas e, principalmente, pela família. "Não se vê, por exemplo, casas que ofereçam tratamento gratuito para dependentes químicos. E muitos desses garotos são viciados em drogas. Se não forem tratados, voltam à vida do crime", alerta Gilson Lopes, delegado da Deacl.

Para o delegado, não só o adolescente tem que ser tratado, mas toda a família. Ele acredita que, apenas assim, eles podem ser reintegrados à sociedade.

"Para um adolescente sair do crime ele tem que passar por

um acompanhamento profissional de um assistente social e um psicólogo, constantemente, conduzido por sua família, até finalizar o tratamento. Hoje, no Espírito Santo, não há uma casa que faça isso. O Estado é ausente nesse processo", afirma Gilson.

Existem dois Centros de Atendimento Psicossocial (Caps), na Grande Vitória, que prestam serviço público a dependentes químicos: um na Capital e o outro em Vila Velha; um terceiro será construído na Serra. Todos são de responsabilidade dos municípios. O Estado não pretende abrir um projeto para a construção de casa que atenda aos adolescentes e às famílias.

fazer Artes Plásticas. Adoro desenhar, desde os 10 anos", conta. Além dessas atividades, ele frequenta a igreja semanalmente e ainda integra uma dupla sertaneja, como segunda voz, ao lado do companheiro André. "Nosso objetivo é gravar um CD".

Ele é um dos meninos que conseguiu apoio quando precisava. Ficou seis meses trabalhando numa escola, prestando serviço à comunidade, pelo crime que cometeu, furtou canos da casa onde morava de favor, quando tinha 17 anos.

Ele quer estudar e trabalhar

RENAN ALVES
Estudante

Renan foi preso quando ainda tinha 16. Ele estava num ponto de ônibus, querendo ir para casa, quando foi surpreendido por uma viatura da polícia. "Eu estava quieto. Não entendi nada. Até que eles me mostraram uma arma que estava escondida próxima do ponto. Fui autuado por porte ilegal de armas e levado para a (antiga) Unip. Fiquei lá durante 56 dias", lembra Renan.

Ele confessa que o mais chocante era ver a mãe toda semana. "Aquilo me emocionava. Ela sabia que eu não tinha culpa". A experiência foi deprimente. "Eu sofri muito. O que mais lembro eram os abusos feitos pelos policiais", desabafa.

Depois de tudo que passou, Renan voltou a estudar. "Espero concluir meus estudos. Quero ser um eletricitista", confessa. Ele não trabalha, mas está à procura de um emprego. "Não tenho nada fixo, mas sempre arrumo uns 'bicos' para fazer".

AJ08562-2

DIGNIDADE NA SERRA, TRABALHO DESENVOLVIDO COM JOVENS QUE INFRINGIRAM A LEI REDUZ ÍNDICE DE REINCIDÊNCIA NO CRIME



FORÇA. Punidos com liberdade assistida por prática de crimes diversos, os jovens reconstróem suas vidas com a orientação que recebem na Casa Sol Nascente. Unidos e fortalecidos pela dor, que eles tentam superar com a determinada vontade de mudar seus rumos, mesmo diante de muitas barreiras econômicas e sociais. FOTO: EDSON CHAGAS

É possível ressocializar jovem que violou a lei

Mãos (Recuperação do meu)

EXPERIÊNCIAS

“Aqui não há discriminação”

CARLOS, 17 ANOS
nome fictício

“Fui preso por participar de um assalto. Mas, depois que vim para a Casa do Sol Nascente, recebi um tratamento diferente do que tive na Unis. Aqui a gente conversa, recebe conselho. É tratado como normal, sem discriminação”.

“Cumprí a pena, mas volto. A casa é legal”

ALEXANDRE, 19 ANOS
nome fictício

“Acho que a falta de bons conselhos e também dificuldades, como desemprego, podem fazer com que uma pessoa pratique um crime. Tem gente que rouba para não passar fome. Eu fui preso por assalto. Já cumprí a pena, estou trabalhando, mas ainda volto à Casa Sol Nascente para conversar. Aqui é legal”.

“Atendimento na Unis não é bom”

RAINA, 16 ANOS, E ÉRICA, 18 (IRMÃS)
nomes fictícios

“Lá na Unis, onde a gente ficou por causa de tráfico de drogas, eles dizem que o jovem pode estudar, que o atendimento é bom, mas não é. Na Unip, em Maruípe, a melhor coisa é a educação física, mas não tem espaço. Aqui, na Sol Nascente a gente se sente em casa, porque o ambiente é mesmo bom”.

Essa é a proposta da Casa Sol Nascente, um projeto criado na Serra

CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

Uma legião de crianças e adolescentes, em todo o país, é empurrada para a criminalidade. E não são poucas as

peças que, diante do quadro de violência e insegurança, perguntam: é possível resgatar esses jovens? Há esperança de mudança?

Mas uma ação desenvolvida no município da Serra mostra que que nem tudo está perdido. Que é possível, sim, ressocializar quem violou a lei. O nome do projeto, que será alvo de uma pesquisa orientada pela Universidade Federal do Espírito Santo, é bem sugestivo: Casa Sol Nascente.

Parceria da Pastoral do Menor, da Igreja Católica, com o Ministério da Justiça e a Pre-

feitura da Serra, o Programa de Liberdade Assistida Comunitária Casa Sol Nascente foi criado em 2002 e, desde então, já atendeu a 391 adolescentes.

Sua meta é atender a 100, anualmente, com orientação psicológica, social e profissional, que se estende, inclusive, às próprias famílias dos meninos e meninas encaminhados ao local pelo Juizado da Infância e da Juventude.

Duas assistentes sociais, uma psicóloga, um educador social, um auxiliar administrativo e um coordenador assumem a

tarefa, cujos resultados vêm se revelando melhores do que os registrados em unidades públicas, que se propõem a ressocializar jovens em conflito com a lei - não mais chamados de menores infratores.

Prova disso é que, enquanto o delegado Gilson Lopes, da Delegacia Especial de Adolescentes em Conflito com a Lei (Deacle), garante que mais de 40% dos adolescentes detidos voltam a cometer crimes após libertados, no Programa Casa Sol Nascente esse índice é de 10%.

Levantamento feito com ba-

se em 129 adolescentes atendidos em 2005 mostrou que 12 reincidiram. Mas as assistentes sociais Cecília Nunes dos Santos Miranda e Andréa Cardoso fazem questão de explicar que o índice inclui jovens recém-chegados no projeto.

Do total de atendimentos em 2005, 42 estavam ligados a jovens que praticaram assalto; 13 que portavam arma; 8 por tráfico de drogas; 5 usuários de drogas, e 2 homicidas. Mas, de maneira geral, todos os crimes tiveram ligação com o tráfico. Dos 129 jovens, 45 admitiram ter usado drogas.

Na casa, jovens são vistos como cidadãos

Eles freqüentam a casa uma vez por semana, mas há quem vá espontaneamente

O que faz a Casa Sol Nascente ser melhor sucedida na ressocialização de adolescentes em conflito com a lei? "A acolhida", dizem as assistentes sociais Cecília Miranda e Andréa Cardoso. "Aqui, o jovem é visto como cidadão e não como um infrator, um marginal", acrescentam.

Muitos dos adolescentes atendidos pelo projeto passaram antes pela Unidade de Internação Provisória (Unip) e pela Unidade de Internação Socioeducativa (Unis), do governo do Estado. Mas são unânimes em afirmar que na Casa Sol Nascente a atenção que recebem é completamente diferente, porque respeitosa, humanizada.

Partilha. Eles freqüentam a casa uma vez por semana, mas há quem vá, por livre e espontânea vontade, mais vezes, para assistir à TV ou bater um papo. No local, são assistidos psicológica e socialmente, participam de oficinas de artes e, quinzenalmente, dos grupos de vivência, onde partilham suas experiências.

Todos residem com suas famílias e vão à escola nos bairros onde moram. Na comunidade, são também acompanhados por orientadores sociais voluntários. Uma vez por mês, há reuniões com os familiares dos jovens.

A partir deste mês, os adolescentes poderão freqüentar aulas de informática, e ainda neste ano, em parceria com o Senai, também terão acesso a cursos profissionalizantes de mecânico de automóvel, electricista predial e reparador de eletrodomésticos.

Padre italiano está a frente do trabalho

Com sua equipe, ele administra uma verba de R\$ 104 mil anuais para os adolescentes

É o padre italiano Xavier Paolillo quem comanda a Casa Sol Nascente. O programa é apenas um, de um total de oito voltados para a promoção da vida e resgate da dignidade de crianças e adolescentes da Serra, todos ligados ao Projeto Aica (Atendimento Integrado à Criança e ao Adolescente), também de responsabilidade do padre.

Todos os programadas ligados à Aica têm um custo anual de R\$ 800 mil. A verba é repassada pelo governo federal, pela Companhia Sederúrgica de Tubarão (CST), pela Fundação Danilo e Luca Fossati (italiana) e pelo Ministério da Justiça.

O padre, com sua equipe, executa o Programa de Liberdade Assistida Casa Sol Nascente com uma verba anual de R\$ 104 mil, aplicada em despesas com pagamento de pessoal, compra de vale-transporte e lanche para os adolescentes. A Prefeitura da Serra paga o aluguel do prédio e a Cáritas Arquidiocesana de Vitória as despesas de água, luz e telefone.

Para o padre Xavier, beneficiado com o Prêmio Direitos Humanos 2005, concedido anualmente pelo governo Federal a pessoas e organizações que tenham desenvolvido trabalhos de destaque em prol dos direitos humanos no Brasil, as crianças e adolescentes "são pessoas portadoras de uma grande riqueza", lapidadas com o trabalho pedagógico desenvolvido pelo Aica.

Quase 1.300 crianças e adolescentes são atendidas pelo projeto. Além da liberdade assistida, há abrigo para os que estão nas ruas, duas casas-lares com famílias substitutas, reforço escolar, atividades físicas e alimentação oferecidos durante o tempo livre dos que vão à escola, mas correm risco social.

"O Estatuto diz que é dever do Estado, da família e da sociedade assistir à criança e ao adolescente. Acho que a comunidade é que quebra o muro da desconfiança, da discriminação, para que haja uma aproximação com esses adolescentes, sempre tratados com pancada e desprezo", diz padre Xavier.

Ele lembra que o Estado não cumpre seu papel e acredita que é preciso cobrir a distância entre as crianças e adolescentes e a sociedade. "Com pouco recurso, é possível fazer muito", afirma.



DISTINÇÃO. Xavier Paolillo foi beneficiado com o Prêmio Direitos Humanos 2005. FOTO: CHICO GUEDES